

Miriam Toews

Noite de luta

Trigues

Melhor Livro do Ano:

The Globe and Mail ★ *CBC* ★ *USA Today* ★ *NPR*

Da autora do corajoso *A voz das mulheres*, um novo romance sobre o universo feminino: mais intimista e singular, igualmente incendiário e arrebatador.

«Um grito de guerra para mulheres rebeldes.»

The Guardian

1.

Querido pai:

Tudo bem? Fui expulsa. Já ouviste falar da Hora de Opção? É a minha disciplina preferida. Tenho Hora de Opção no Centro de Desmontagem, zona da sala de aula em que pomos óculos de proteção e desfazemos objetos. É um bocado perigoso. Durante a primeira parte da aula, desfazemos as coisas; depois, a professora toca a sineta e anuncia que começou a segunda metade, em que devemos voltar a montá-las. Isto não faz sentido porque é preciso mais tempo para refazer as coisas do que para as desfazer. Quando lhe falei sobre isto, a mãe recomendou-me que simplesmente comesse a refazer mais cedo, antes de a professora tocar a sineta, mas, quando tentei, a professora disse-me que tinha de esperar pelo toque. Protestei, por causa do problema do tempo, mas a professora não gostou do meu tom, por ser uma reação *agressiva*, problema que supostamente tenho de corrigir. A mãe está no terceiro trimestre. Está-se a passar. O/A Gord está dentro dela e não pode sair. Quando lhe perguntei o que queria para o aniversário, respondeu: Uma *India Pale Ale* fresca e umas férias. A avó agora vive connosco. Está com os pés para a cova. Não tem medo

de nada. Quando lhe perguntei onde estavas, respondeu que essa era a grande incógnita. Comentou que sente falta do avô. Disse que, quando chegar ao Céu, é provável que ele já se tenha ido embora. Homens!, exclamou. Vão e...

Hoje começa o nosso período neorrealista, anunciou-me a avó de manhã. Na mesa, deixou batatas fritas e uma embalagem de *ketchup*. É só rir!, exclamou. Comentou que tenho o símbolo azul da *Nike* por baixo dos olhos. Aconselhou-me a dormir mais. Qual é o problema, Swiv? Tens pesadelos?

A avó está a escrever uma carta ao/à Gord, porque ontem a encarreguei dessa tarefa, na nossa Reunião Editorial. Ela também me atribui tarefas. Somos *coeditoras*. A terapeuta familiar sugeriu que escrevêssemos cartas, mas a mãe diz que, se a terapia servir só para escrever a pessoas ausentes, deixaremos de ter dinheiro para pagar as sessões. A avó acha útil. Diz que podemos ser jornalistas e ter a nossa própria *agência de notícias*. Segundo ela, no início, as cartas são uma coisa e depois transformam-se noutra. Mas a mãe desconfia das cartas, tal como desconfia das fotografias. Detesta fotografias. *Não quero ficar paralisada no tempo!*

Para a avó, os fragmentos são a única verdade. Fragmentos de quê?, quis eu saber. Exatamente!, respondeu. Perguntou-me com que tinha sonhado na noite anterior. Respondi que no sonho tinha de escrever uma carta de despedida com as palavras *um* e *azul*. *Na oba!*, reagiu. Vai ser a tua tarefa para hoje, Swivchen! A avó fala uma língua secreta. Nem sequer me perguntou para quem seria a carta. Passa por cima de pormenores pertinentes porque só lhe

restam *cinco minutos de vida* e não quer perder tempo com ninharias. E se eu tivesse sonhado que estava nua e que não conseguia abrir a porta de casa?, perguntei. Teria sido essa a minha tarefa? *Na jungas!*, respondeu. Já me aconteceu muitas vezes! A avó adora falar sobre *o corpo*. Adora tudo sobre o corpo, todos os seus cantos e recantos. Como é que te pode ter acontecido *muitas vezes?*, perguntei. É a vida!, respondeu. Mas temos de gostar de nós mesmos, apesar de tudo. A *vida* não é assim, discordei. Estar muitas vezes nua, sem conseguir entrar em casa? É só rir!, respondeu. Contou os comprimidos e riu-se.

Depois, tivemos lição de Matemática. Lápis a postos!, exclamou. Se tiveres um *puzzle* de duas mil peças de uma quinta *amish* e encaixares três peças por dia, durante quantos dias terás de continuar viva para terminar o *puzzle*? A campainha a tocar interrompeu a lição de Matemática. *Jogo!*, gritou a avó. Quem poderia ser? O toque da campainha é a melodia de «Take Me Out to the Ball Game», que a avó me obriga a cantar com ela durante todo o sétimo turno da partida, mesmo se só estivermos a assistir ao jogo na nossa sala de estar. Além disso, força-me a levantar quando se ouve o hino, no início. A mãe não se levanta, porque o Canadá é uma mentira e um local de crime.

Era o Jay Gatsby. Quer demolir a nossa casa. Fui atender, abri a porta e declarei: Vendemos por vinte milhões de dólares.

Ele respondeu: Ouve, posso falar com a tua mãe? Da última vez, disseram...

Vinte e cinco milhões de dólares, retorqui.

Desculpa, tornou o Jay Gatsby, quero falar com...

Trinta milhões de dólares, ó capitalista. Não percebes a nossa língua? Bati com a porta. A avó comentou que

eu tinha *exagerado* um pouco. Ele tem medo da morte, acrescentou. Disse isto como se fosse um insulto. Está desorientado! O Jay Gatsby quer demolir a nossa casa para construir uma cripta de luxo à prova de apocalipses. Uma vez comprou uma casa numa ilha tropical e obrigou todos os habitantes da ilha a venderem-lhe as casas, para ficar com a ilha toda só para ele e poder tomar *ecstasy* e praticar ioga com ex-modelos. Obrigava todas as modelos a tomarem comprimidos que as faziam cagar fezes douradas e brilhantes. A mãe disse que ele tinha feito implantes de músculos falsos na barriga das pernas. Sabe disto porque um dia o viu com as barrigas das pernas superescanzeladas, no passeio à frente da livraria, mas três dias depois estavam inchadas e tinham pontos. Segundo a mãe, ele tratou disso num sítio em Cleveland, Ohio, onde também era possível rejuvenescer a pachacha. Depois, pode-se simplesmente ficar repimpado com o nosso mais-que-tudo, passar o dia a fumar cigarros eletrónicos, com barrigas das pernas gigantescas e falsas e a pachacha costurada, sob a égide do termostato *moderno*, uma arma do Estado, que o *marketing* descreve como «ecológico», por causa da Alexa e merdas assim, e praticar *mindfulness*, ahahahah, e ser mesmo, mesmo, muito feliz porque os dois juntos não têm a merda da metade de um cérebro.

A mãe fala assim. Pode não ser verdade. Ela mente. Odeia palavras como *moderno*, *criativo* e *sexualidade*, e detesta acrónimos. Detesta quase tudo. A avó comentou que não percebia como a mãe tinha conseguido parar de resmungar durante tempo suficiente para engravidar do/da Gord. Comparou *inseminar a mãe* com aparecer de mansinho na borda de um vulcão que, erradamente, se julga estar inativo. Diz que a mãe despacha o trabalho

emocional de toda a família, sentindo tudo dez vezes mais do que seria necessário, para que os restantes possam comportar-se normalmente. Por ter sido a filha mais nova numa família de quinze pessoas, a avó não acredita na privacidade e acha que tudo o que é privado é hilariante. *Na oba!*, costuma dizer quando alguém está na casa de banho. Olha para ti, sentada aí sozinha nessa divisãozinha com as calças enrodilhadas nos tornozelos, é *impagável*. Como o pai da avó não se lembrava do nome de todos os filhos, deu-lhe, sem querer, o mesmo nome de uma das miúdas mais velhas. A mãe da avó usou-a como método contraceptivo, obrigando-a a dormir ao seu lado na cama durante sete anos. Passados esses anos, a mãe da avó *entrou na menopausa*, portanto ficou fora de perigo; durante o resto da infância, a avó pôde dormir no corredor.

Lembras-te daquela senhora minha amiga que doou a cabeça?, perguntou a avó ontem. Bem, morreu. Quase todos os dias, a avó recebe um telefonema a anunciar a morte de alguém que conhece. Hoje de manhã, quando assistia aos destaques dos Blue Jays¹, comentou que o Vladimir Guerrero lhe lembrava uma boa amiga que tivera entre o sétimo e o nono ano, chamada Tina Koop. Limitava-se a ficar de pé no *home plate*, sem estar em posição de dar tacadas nem nada, e nunca falhava um *home run*. Eu disse: Uau, o que faz ela agora? Já morreu, respondeu a avó. É assim que fala dos amigos. Não desata aos gritos. Nem sequer chora. Quando está ao telefone com eles, só fala sobre morte. Ontem, a Leona, outra amiga, telefonou e disse: Não vais acreditar, mas o Henry Wiebe quer ser cremado. O quê?, reagiu a avó. Isso é *impagável!*

¹ Equipa de basebol canadiana. (*N. da T.*)

Sabes porquê?, perguntou a Leona. Não, porquê?, retorquiu a avó. Por ser mais barato. Fartaram-se de rir. E mais elegante! Ainda se riram mais. A Leona disse que o Henry Wiebe sempre desejara secretamente ser elegante e depois descobrira que toda a gente que conhecia ia ser cremada. Quando desligou o telefone, a avó explicou que era engraçado porque, durante mais de cinquenta anos, o Henry Wiebe tentara moralizar toda a gente, dizendo que ser cremado era pecado, mas, depois de enfrentar diretamente a sua mortalidade, a sua famosa forretice e a sua necessidade de elegância, tinha percebido que, sendo cremado, poderia tanto poupar *como* ser elegante. Mas vai estar morto, protestei. Portanto, como poderá ser elegante e poupar? A avó respondeu: Só conhecendo o Henry.

É fácil perceber quando a avó recebe telefonemas sobre a morte de amigos, porque prepara uma *schluckz* extra de vinho para ver os Raptors², olha fixamente para mim durante muito tempo e recita poesia — eu não faço nada, fico só ali sentada com ela, a assistir ao jogo. *Nus, os mortos serão um só/Com o homem ao vento e a Lua em declínio.* Nos dias em que recebe estas chamadas sobre as mortes, agarra-me quando passo por ela — bem percebo que precisa de afeto, mas detesto ter de ser sempre uma encarnação da vida. *Quando os seus ossos ficarem sem carne e os ossos sem carne desaparecerem.* Se passo pela poltrona dela, costumo fingir para a direita, e ela falha, por ser muito lenta, mas depois sinto-me mal, e volto a passar por lá mesmo muito devagar, para a deixar agarrar-me. Nessa altura, no entanto, é *ela* que se sente mal por ter tentado agarrar-me sem eu querer; por isso, *não* agarra — tenho de me afundar no colo

² Equipa de basquetebol canadiana. (N. da T.)

dela e de a abraçar. Diz que está *knock, knock, knockin' on heaven's door* e *cento e dez por cento conformada com isso*. Diz que, quando bater a bota, bastará pô-la dentro de um frasco de *pickles* e ir lá para fora brincar.

A lição seguinte foi Como Escavar Uma Sepultura no Inverno. A avó contou que, quando era pequena, foi a um funeral no Dakota do Norte e descobriu que as pessoas que morriam ali no inverno só eram enterradas na primavera. Fiquei horrorizada!, exclamou. Interpelou o agente funerário. Não sabem escavar uma sepultura no inverno?! Faz-se assim, declarou. É preciso arranjar brasas de carvão e espalhá-las pelo chão até a terra derreter. Escavar essa camada de terra. Voltar a acender as brasas, e espalhá-las pelo chão outra vez, até nova camada de terra derreter. Escavar essa camada. Fazer isto até se ter um buraco de um metro e oitenta. Pronto! Não se pode esperar pela primavera para enterrar as pessoas. Que disparate! Vamos telefonar ao Dakota do Norte, para ver se ainda obrigam as pessoas a esperar até à primavera pelos enterros, sugeri. Vamos, concordou a avó. Liguei à Junta de Funerais do Dakota do Norte. Um homem atendeu: Sim, nesta zona, é mesmo assim. No Dakota do Norte, atrasar os enterros é um *mal necessário*.

A avó gosta de se sentar no degrau de cima do alpendre da frente, regar as flores e adormecer ao sol. Inclina a cabeça bem para trás, de modo a sentir o calor do sol na cara. Quando adormece, larga a mangueira, que se revira pelo ar e lança jatos de água para todos os lados. Quando leva com um jato de água e acorda, a avó fica a saber não só que já dormiu a sesta, mas também que já concluiu uma *tarifa doméstica*. Lança jatos de água aos agentes da polícia, quando passam devagar pela nossa casa de carro,

com as janelas abertas — detesta-os por causa do que fizeram quando o avô morreu, e ponto final. Quando saem do carro e vão ter com ela, diz coisas como: *Here comes Rocket Man! Send in the clowns!*³ Os agentes sorriem, porque acham que não passa de uma velhinha maluca. Mas ela não está para brincadeiras. Odeia-os. Não *quer* odiar ninguém, mas não consegue evitar; nem sequer pede desculpa por isso quando reza, porque acha que Deus também os odeia em segredo. Quando fazem as perguntas do costume, não diz palavra. Se puserem um centímetro de bota no nosso quintal, aponta-lhes a mangueira para os *pezinhos couraçados* e obriga-os a recuar para o passeio.

Todos os dias, a avó gosta de dizer à mãe que despachámos alguma tarefa doméstica, porque a mãe está em pleno esgotamento nervoso, com uma gravidez geriátrica — isto não significa que sairá um velhadas da pachacha, mas sim que é demasiado velha para estar de barriga, que anda *exausta* e que, quando chega dos ensaios, só diz: Meu Deus, que balbúrdia! Meu Deus, malta, que imundície! Não se pode despejar gordura pelo cano, estes canos são antigos! Não sobrecarreguem a sanita com papel higiénico! Porque há conchinhas de massa por todo o lado? Não podem arrumar os pratos ou guardar esta merda? Perceberão alguma coisa de *tarefas domésticas*? A paranoia *doméstica* mais recente da mãe é puxar toda a comida que está no frigorífico para as bordas exteriores das prateleiras, para que a avó a veja bem; caso contrário, pensa que não há comida, porque não a vê, não procura as coisas no fundo do frigorífico e manda vir *takeaway*, ou come simplesmente gelado, bacon, ou mãos-cheias de cereais diretamente

³ Referências a canções de Elton John e de Stephen Sondheim. (*N. da T.*)

da caixa. Por isso, a mãe deixa tudo nas bordas exteriores das prateleiras do frigorífico, com etiquetas como **CHILI DE LENTILHAS! COME! SALADA DE COUVE! COME!** A avó não come nada verde. Não ingere uma única verdura, nunca. É como Sansão em relação ao seu cabelo. Se o cortar, perderá a força. A avó não pode comer verduras. Deteta as que a mãe tenta esconder no meio da outra comida. Não vou passar os meus últimos cinco minutos neste mundo a comer comida de coelho! Quando identifica as verduras, demora muito, como numa ópera ou coisa do género, a extraí-las lentamente da comida, uma a uma, e deixa-as em cima da mesa, ao lado do prato. A mãe suspira, pega nesse montinho e come-o, mas continua a tentar enganar a avó, que não se deixa levar. A avó recusa-se a comer sopa vermelha. Quando a mãe fez *borscht*, ela declarou: *Não vou comer sopa vermelha. Porque não? Porque não como sopa vermelha!*

A mãe recomenda-me: Não digas de barriga, não digas essas coisas sobre rabos, não digas pachacha, não digas bilhetes de merda. E aconselha à avó: Quando vês *Chamem a Parteira*, põe ou legendas ou o volume no máximo, não as duas coisas ao mesmo tempo. Para quê as duas coisas? Que diferença te faz se eu quiser as duas coisas? É usar demasiados órgãos dos sentidos ao mesmo tempo! *Na oba!* Eu é que decido como quero usar os meus sentidos! Todos os dias, a avó perde os aparelhos auditivos exatamente nos mesmos sítios. Tento guardar todas as pilhas gastas numa velha lata de tomilho, para depois as levar para o contentor correto, mas ontem a mãe estava *tão exausta* por causa dos ensaios e por transportar o/a Gord vinte e quatro horas por dia, que, por engano, temperou o molho do esparguete com as pilhas, por isso ao jantar tivemos de as extrair e de as pôr

em montinhos ao lado do prato — no caso da mãe, ao lado dos montes de lenços de papel com que está sempre a assoar o nariz.

Ao jantar, a mãe comentou que não percebe por que razão anda sempre tão cansada, o terceiro trimestre devia ser de *energia renovada*. Nem sequer tem forças para jogar *Dutch Blitz*⁴. Diz que devia sentir um acesso de energia, para poder limpar e organizar a casa e preparar o nascimento do/da Gord. Chama-se *instinto do ninho*. Eu tenho isso!, exclamei. Sou eu que limpo tudo! A mãe fez-me uma festa no cabelo e comentou: Oh, que giro! Tens instinto do ninho. Mas claro que é tudo menos giro. Não quero ter *instintos*. Disse: Avó, ouve isto. Primeira tentativa. Segunda tentativa, terceira tentativa, ó homem... está fora! A avó não ouviu. Só fingiu que sim. Não me tente, ó senhor?, respondeu. Gritei outra vez. *Na kjint!*, exclamou. Continuava a fingir. Gritei o mais alto que pude, e a mãe protestou: Porra, Swiv!

Do quarto da avó, ouvem-se constantemente gritos tanto de mulheres em trabalho de parto como dos próprios bebés, obrigados a nascer, mas também de pessoas que são assassinadas, ou das que descobrem os corpos das que são assassinadas. A avó comenta: Não há dúvida de que as mulheres britânicas gritam muito quando descobrem cadáveres. Eu também gritaria, respondi. Não, não, retorquiu. É um *corpo*. É *nuscht!* Enquanto vê estes programas, a avó faz quinze minutos de bicicleta na *Gazelle*. Entre pedaladas, diz ooooooh. E depois: *Goot, goot, goot. Gownz yenook*. Só os seus amigos mortos e os que estão de pés para a cova conhecem esta língua secreta.

⁴ *Dutch Blitz* é um jogo em que o objetivo é pôr todas as cartas na mesa por ordem crescente, de acordo com as cores das cartas de cada participante. (*N. da T.*)

**Um romance triunfal sobre o amor familiar,
a memória e a renovação da vida, recordando
que todos somos feitos para sobreviver
às mais insuportáveis perdas.**

Swiv é uma menina de nove anos que pertence a uma família de mulheres guerreiras. Vive enclausurada na minúscula casa que partilha com a mãe e a avó, depois de ser expulsa da escola por não controlar as fúrias. O pai é uma ausência; Elvira, a avó, guarda um álbum de recortes das suas lutas, para que não sejam esquecidas; Mooshie, a mãe, está grávida e afundada no desgosto. Swiv deseja proteger o bebé que ainda não nasceu destas duas mulheres ruidosas e desarrumadas, que falam sobre sexo e nudez, e que deixam cair comida e comprimidos por todo o lado. É ainda Swiv quem toma conta da avó: dá-lhe banho e os medicamentos, veste-a e conversam. Aprende que «a alegria é [...] *resistência*».

Noite de luta desenrola-se como uma carta a um pai distante, a quem Swiv relata o seu quotidiano. Mas a narrativa gira sobretudo em torno de Elvira, como um *requiem* antecipado que celebra a herança de vida de uma avó invulgar. Depois do corajoso *A voz das mulheres*, Miriam Toews conduz-nos à intimidade de uma família desarranjada, cujo amor incondicional faria inveja a qualquer família. Oscilando entre passado e futuro, o *pathos* do romance está no presente, no dia-a-dia de uma criança que tem de crescer depressa, para garantir que todos sobrevivem. Neste ninho de rebelião, a grande lutadora é uma menina que aprende da mãe e da avó a lição incendiária de um combate sem fim: «O que torna uma tragédia simultaneamente suportável e insuportável é a mesma coisa — o facto de a vida continuar.»



«Uma homenagem comovente ao laço matrilinear
entre três mulheres de diferentes gerações.»

Los Angeles Times

**Finalista do Prémio Atwood Gibson Writer's Trust para Melhor Livro de Ficção
Finalista do Prémio Scotiabank Giller**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alfaguaraeditora
iX penguinlivros

ISBN 9789897872396



9 789897 872396 >